

LEIBNIZ E MEYER ENQUANTO TRADUTORES DA “CARTA SOBRE O INFINITO” DE SPINOZA

[LEIBNIZ AND MEYER AS TRANSLATORS OF SPINOZA'S INFINITE LETTER]

Sérgio Luís Persch *

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

RESUMO: O artigo consiste num exame das várias versões da carta 12 da Correspondência de Spinoza, a ‘Carta sobre o infinito’. Ela é legada em duas versões latinas, uma das quais procede de Leibniz e a outra de Meyer, e uma versão holandesa. Em nosso estudo, cotejaremos as duas “cópias” latinas, com o intuito de verificar se não há indícios suficientes para se poder considerá-las traduções do texto datado, escrito em holandês.

PALAVRAS-CHAVE: Spinoza; carta 12; infinito; Leibniz

ABSTRACT: The article consists of an examination of the various versions of the letter 12 of Spinoza’s Correspondence, the ‘Letter on Infinity’. It is legacy in two Latin versions, one of which comes from Leibniz and the other from Meyer, and a Dutch version. In our study, we will collate the two Latin "copies", in order to verify if there is not enough evidence to be able to consider them translations of the dated text written in Dutch language.

KEYWORDS: Spinoza; Letter 12th; infinite; Leibniz

A carta sobre o infinito, carta de nº 12 das edições contemporâneas da Correspondência de Spinoza, desde a sua redação no ano de 1663 até hoje, é tida em grande importância nos estudos sobre Spinoza. Charles Appuhn faz uma comparação audaciosa, porém bastante justa: “é sem dúvida a mais importante de todo o acervo. Devido à forma como Spinoza concebe nela o infinito, o tempo, o espaço a duração, o número, ela nos proporciona explicações preciosas. Por isso é que se chega a comparar essa carta com a estética transcendental de Kant”. (SPINOZA, 1966, p. 366) Tal comparação parece não ser exagerada, tendo-se e vista simplesmente a sua publicação reiterada, juntamente com as obras completas de Spinoza, ainda na década de 1670.

Ao lado da carta publicada nas Opera posthuma de 1677, consta uma segunda versão comentada no acervo bibliográfico dos escritos de Leibniz. Tal versão foi publicada em 1676. Ali, Leibniz já coloca a carta em relação íntima com o problema do infinito, tal como está implicado nas definições iniciais da Ética de Spinoza. Nas suas Communicata ex literis Domini Schulleri, Leibniz dedica um primeiro parágrafo ao exame das definições da parte I da Ética (em particular a definição III) e, na sequência, ele reapresenta a seu modo “a maior parte de uma carta de Spinoza endereçada ao médico L. Meyer (...), acerca do problema do infinito”. Todavia, o editor contemporâneo dos escritos filosóficos de Leibniz, Heinrich Schepers, ressalva que “a

* Professor de Filosofia no Departamento de Filosofia e no Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Filosofia. m@ilto:slpersch@yahoo.com.br

versão de Leibniz tem divergências relativamente à edição das Opera Posthuma publicadas em 1677, as quais poderiam ser esclarecidas, se não pela cópia feita por Leibniz, pelo menos com a redação do próprio Spinoza” (LEIBNIZ, 2006, p. 275). Para esclarecê-lo, ele remete às edições das Opera de Spinoza editadas por Gebhardt em 1920. Além dessas duas versões latinas, a carta também consta nos Nagelate Schriften de Spinoza, em holandês. Tradicionalmente se presume que esse compêndio das obras de Spinoza em versão holandesa provém de uma tradução anônima. Porém, o acesso irrestrito a grande parte dos manuscritos relativos à filosofia de Spinoza, tais como o volume que compreende a Korte verhandeling e as God-geleerde Staat-kundige Verhandeling, permite hoje um exame mais atento desse material, o qual revela uma relação muito mais íntima de Spinoza com o Holandês do que aquela que os críticos (principalmente do séc. XIX) fizeram crer, e inclusive o fato praticamente incontestável de que Spinoza também escrevia em holandês. Nosso artigo visa concorrer para essa possibilidade de pesquisa. Para tanto, começaremos por fazer referência a um contexto histórico a partir do qual o legado da carta 12 resulta problemático e a sua origem, portanto, pode e deve ser buscada por novas interpretações.

* * *

Conforme testemunha Gebhardt na sua edição das Opera de Spinoza, o legado da carta 12 se torna problemático por conta da animosidade em torno da filosofia de Spinoza em meados do séculos XIX e um fato dele resultante, ocorrido especificamente em 1860.

Nesse ano, o Bibliógrafo e Colecionador de livros Friederik Muller organizou um leilão do acervo bibliográfico do teólogo e reformador, bibliotecário, o Sr. J. J. van Voorst, então já falecido há 27 anos. O livreiro Muller teve a oportunidade de comprar o catálogo completo da preciosa coleção de manuscritos e autógrafos do Sr. Voorst em 1959. No referido leilão, tais manuscritos e autógrafos foram arrematados por um livreiro parisiense, chamado Durand. A partir do ano de 1860, portanto, os manuscritos e autógrafos, passaram para as mãos desse comerciante de livros, que os arrematou na ocasião.

É interessante falar um pouco sobre o contexto que antecede a descoberta pública desse manuscrito. A década de 1850 a 1860 é intensa e controversa para o spinozismo de uma maneira geral. Chamamos atenção para essa década (de 1850 a 1860), porque se trata de um período no qual efetivamente ocorreu um abalo sísmico de larga envergadura no solo do spinozismo. Com efeito, é o momento em que se colhem todas as consequências do florescimento do spinozismo em meio aos escritores clássicos da segunda metade do século XVIII, tais como Lessing, Goethe e Herder, e o amadurecimento e a propagação desenfreada do spinozismo, principalmente na Alemanha, impulsionada pela publicação das obras completas de Spinoza na língua alemã por Berthold Auerbach. Trata-se, na verdade, de um movimento antiacadêmico, que se afirma como uma bandeira de luta contra um regime de controle e hegemonia do saber exercitado pela academia. As palavras entusiasmadas de Auerbach no prefácio à sua edição das obras de Spinoza retratam exemplarmente esse contexto:

Entrego aqui – escreve –, para o público pensante da pátria alemã, a tradução das obras de Spinoza; se ela é adequada e oportuna, é algo que se saberá pelo resultado e pela opinião pública. A filosofia sai da escola e vai de encontro à vida em movimento como espírito motivador, o conhecimento do mundo se transforma em sabedoria de vida; apenas mentalidades obscuras, feudalistas covardes e solitários, ainda podem

desejar que o mais elevado espírito da vida continue a falar a língua morta dos doutos.

Alemanha, a escola superior de filosofia, tem reconhecido a sua origem em Spinoza, e por isso há de ser muito significativo conhecê-lo de modo cada vez mais abrangente, em sua pureza e originalidade; que a presente tradução contribua para tanto.

Impulsionado por essa animosidade, na Alemanha, ocorria um movimento exacerbado, responsável por impulsionar diversos aventureiros a catar relíquias do filósofo em antiquários holandeses e donde se descobriu também, em 1855, o famoso manuscrito da *Korte Verhandeling* (o Tratado breve). Mas não foi somente aquela devoção circunstancial por Spinoza que moveu a procura de possíveis manuscritos perdidos quaisquer do filósofo. É que um estudo mais detalhado dos documentos e registros públicos relacionados com o nome de Spinoza revelam que, durante os anos de 1660 e 1665, uma censura pesada se abateu sobre a sua oficina de trabalho, censura essa que ordenava a recolha de todos os exemplares impressos do então já publicado Tratado teológico-político, bem como de quaisquer manuscritos ainda não impressos do próprio Spinoza, e do alarmante opúsculo *O camponês filsofante*, que havia surgido em meio ao seu círculo de amigos amadores de filosofia. Tais decretos foram mitigados a partir de 1670, quando pôde reaparecer em público o Tratado teológico-político, ao lado do *Leviatã* de Hobbes, que também fora censurado. Entretanto, uma vez que aqueles outros manuscritos, dentre os quais figura o Tratado breve, não haviam alcançado o dia claro da imprensa antes de 1665, estavam fadados à desapareição, a não ser que algum manuscrito restasse salvo e escondido. E foi isso que se descobriu, portanto, em 1855. E na sequência, a notícia da existência da carta 12 veio à luz em 1660

A academia reagiu à sua maneira maximamente douda às descobertas de documentos e textos desconhecidos relacionados com Spinoza, porém, não obstante, num olhar em perspectiva, igualmente controverso. Diversas teses especializadas demonstraram com grande competência a presumível “validade teórica” do Tratado breve na economia da interpretação geral do pensamento de Spinoza e produziram resultados um tanto quanto céticos e neutralizadores: chegaram à conclusão de que o Manuscrito descoberto não é autógrafo, de que seria forçoso admitir-se um original perdido escrito em latim pela mão do próprio Spinoza, e que, no processo de reprodução manual, muita coisa se corrompeu, outras tantas coisas foram acrescentadas de modo a deixar a obra praticamente inapta a contribuir com qualquer coisa ao modelo racionalista que perpassa a obra latina de Spinoza. Essas interpretações acadêmicas, ainda que altamente especializadas e consistentes por um ponto de vista técnico, não deixam de se mostrar esdrúxulas em certas posições fundamentais, como, por exemplo, quando procuram convencer (e, por incrível que pareça, convencem até hoje), de que Spinoza não sabia nem ler e nem falar em holandês, apesar da sua predileção pelo convívio com os camponeses e pescadores de Rijnsburg, e do seu visível desinteresse pelo jargão acadêmico.

Com base nesse e noutros argumentos semelhantes, os especialistas que concorreram para a edição crítica da *Korte Verhandeling* trazida a público por Gebhardt, convenceram a comunidade acadêmica de que, propriamente, não se descobriu algo proveniente das mãos de Spinoza, mas sim, uma sombra de segunda ou terceira ordem. Foi um trabalho sistemático, que se estendeu a outros tipos de documentos, dentre os quais também a carta 12, que foi escrita no mesmo contexto do Tratado breve (a saber, em 1663). Vejamos, pois, o estatuto da carta 12.

A despeito do rigor e da competência incontestáveis da edição das *Opera de Gebhardt*, juntamente com sua minuciosa *Textgestaltung*, é preciso lembrar do comprometimento dele com a academia, cujo propósito foi o de deter o Spinoza

popularizado na Alemanha, principalmente sob a influência de Berthold Auerbach. Tratava-se de um fenômeno ameaçador e catastrófico na visão da academia, uma vez que a função desta consiste no controle e no monopólio do pensamento. Surpreendentemente eufêmico para com a onda do spinozismo alemão da segunda metade do Séc. XIX, Gebhardt simplesmente a ignora em sua pequena reconstrução histórica da presença de Spinoza na Alemanha e conclui dizendo:

ao renascer o desejo por uma nova unidade em um mundo desmantelado, que se afirme de novo a força sintética da formação de ideias de Spinoza. A energia que plasma os tempos não está nos esforços bem-intencionados de uma multidão, nas na capacidade criativa de alguns poucos (SPINOZA, 1925 Bd. 4, p. 417)

Uma das missões mais difíceis de Gebhardt e de seus pares, spinozistas acadêmicos, foi a de garantir que somente textos escritos em latim, no Séc. XVII, teriam relevância filosófica e que o fato de um filósofo se exprimir no rústico holandês careceria de qualquer sentido. Sendo assim, um exame detalhado das informações processadas por Gebhardt tendem a concorrer para essa perspectiva de pensamento, mas – pela inegável fidelidade e competência do pesquisador – também provoca a suspeita de que tivesse sido diferente: de que Spinoza escreveu muitas coisas em holandês, dentre as quais inclusive a carta aqui em questão. Voltemos, pois, aos dados da carta.

* * *

O manuscrito leiloado por Muller em janeiro de 1860 contém uma anotação postíça, que remete o texto a Spinoza. Figurando intercalada em uma série de documentos do mesmo gênero, ela tem a seguinte identificação: Nummer: 1716 – Le mème. Pc. a. s. date. Portanto, o código do objeto (o número 1716), a expressão *Le mème* se refere a Spinoza, a quem este e os documentos anteriores remetem, e o Pc. a. s. date significa “Peça autografa. Sem data”. Mas o próprio Gebhardt nota o seguinte: “Pelo fato de que a carta não contém assinatura e nem data, parece que não se trata da carta original enviada a Meyer, porém, de um esboço de Spinoza ou de uma cópia da sua própria mão. O autógrafo propriamente dito, pois, não foi descoberto até hoje” (G, p. 390). Aqui, como em outras ocasiões, não temos a oportunidade de acessar qualquer fotografia da letra de Spinoza, e ficamos sem saber se a “própria mão” de que fala Gebhardt talvez não esteja se referindo à mão de Meyer. De qualquer forma, há dificuldades manifestas em acreditar que se trata de um esboço prévio, do próprio Spinoza, à carta enviada ao amigo Meyer. Seria um zelo excessivo do remetente pelas suas anotações prévias e uma negligência excessiva do zeloso amigo Meyer, a de ter extraviado tão imprudentemente a carta recebida de Spinoza. Gostaria, pois, de afirmar minha predileção pela hipótese de que o documento em questão não antecede o momento em que Meyer leu pela primeira vez a carta de Spinoza.

Linha contínua, Gebhardt anuncia a seguinte notícia: “Uma cópia da carta feita pela mão de Leibniz, e com anotações críticas dele, sob a inscrição *Communicata ex literis D. Schull*, encontra-se no legado de Escritos de Gottfried Wielhem Lebniz (...). Essa cópia possivelmente decorre da carta original e, de qualquer forma, de vez em quando apresenta uma significativa discrepância relativamente à redação das *Op. Posth*” (a saber, da versão de que tratamos acima) (SPINOZA, 1925, Bd. IV, p. 390). E assim retornamos à contribuição de Leibniz relativamente à carta 12 de Spinoza. O trabalho de Leibniz é muito importante, porque é o principal responsável pela projeção do significado filosófico da carta, o qual atinge uma dimensão excepcional. Portanto, se

o mérito da redescoberta da carta se deve ao entusiasmo dos pesquisadores do século XIX, a importância da carta, nos termos afirmadas por Apuhn, deve-se principalmente a Leibniz, o qual, em 1676, já a havia colocado em relação íntima com o problema do infinito, tal como está implicado nas definições iniciais da Ética de Spinoza.

O problema do autógrafo de Spinoza, por enquanto, permanece insolúvel, conforme já afirmava Gebhardt em 1920, uma vez que desde aquele tempo não houve nenhuma descoberta nova acerca de documentos originais relacionados com a carta. Todavia, penso que, com base em todas as informações que dispomos acerca da carta, é possível reclamar um interesse maior pela questão e conjecturar um conjunto de hipóteses mais variáveis do que essa hipótese única anunciada por Gebhardt. E nesse sentido, o que queremos realçar é que o título da carta “Da natureza do infinito” (Van de Natuur van’t Onëindig), bem como o local e a data Te Rijnsburg, 20 April, 1663, constam unicamente na versão holandesa da carta. Essa data da redação da carta não suscita nenhuma controvérsia. Se, porém, a versão holandesa consistisse numa tradução, seja da versão latina de Meyer, seja da versão latina de Leibniz, naturalmente os editores se questionariam acerca do caráter possivelmente fictício da data, uma vez que seríamos obrigados a supor que ela tenha sido forjada pelo tradutor holandês. Entretanto, na medida em que esse dado não se questiona, ou seja, visto haver uma aceitação unânime de que a data constante unicamente na versão holandesa é correta, ela sem dúvida deve ser assumida como o registro mais fidedigno da carta 12.

Portanto, gostaríamos de colocar as duas hipóteses seguintes: a) o manuscrito original está perdido, conforme conjectura Gebhardt, porém, a tradução holandesa foi feita a partir desse manuscrito original perdido, pelo que ela revela uma relação mais direta com o original do que as versões latinas, tanto de Meyer quanto de Leibniz; b) o manuscrito original é o próprio texto holandês, que, no caso, provém diretamente da mão de Spinoza.

A primeira hipótese resta um tanto problemática, pois ela arrasta consigo uma certa desconfiança relativamente ao caráter fidedigno do(s) tradutor(es) das Opera posthuma de Spinoza para os Nagelate Schriften, qual seja: eles pareceriam estar mostrando uma negligência injustificável relativamente ao original. Com efeito, se é preciso reconhecer que o original foi manuseado pelo tradutor e se, ao mesmo tempo, constata-se que depois disso (até hoje) não houve mais nenhuma outra notícia qualquer acerca do original, subentende-se que a suspeita incida sobre o tradutor, que nesse caso deveria ser indiciado como o responsável primeiro e direto pela desaparecimento do texto original.

A dificuldade de se levar em consideração a segunda hipótese, conforme já mencionamos acima, está na resistência acadêmica em se admitir que Spinoza tenha se utilizado da língua holandesa para exprimir o seu pensamento. Mas essa dificuldade não nos parece muito bem justificada. Queremos apontar algumas objeções frente a ela.

Frente à crença comum de que comumente os textos de Spinoza constantes nos Nagelate Schriften consistem unicamente em traduções holandesas de textos latinos, a própria Correspondência de Spinoza oferece casos diversos. Por exemplo, a Epístola XXVII foi escrita por Spinoza originalmente em holandês e, pelo que se sabe, foi vertida por ele próprio ao latim para fins de publicação (Cf. SPINOZA, 1925, Bd. IV, p. 403). Nesse sentido, poderíamos supor, paralelamente, que esse esboço da mão do próprio Spinoza, que não pode ser tomado por original porque carece do registro de data, poderia muito bem ter sido a versão de Spinoza preparada para publicação. (Não temos acesso à letra do texto, como é o caso da carta XXVII).

Quanto aos Nagelate Schriften, cuja publicação praticamente é simultânea à das Opera posthuma latinas (em 1677), é preciso se perguntar se consistem elas

exclusivamente em traduções. No caso da carta XXVII, há efetivamente uma tradução holandesa da versão latina de Spinoza, tradução essa diversa da versão holandesa original do manuscrito que traz a letra de Spinoza. Nada porém, nos impede de pensar que, em outros casos, ocorre a editoração de textos descobertos originalmente em holandês. É preciso ter em vista que os manuscritos em língua holandesa sofreram uma perseguição ferrenha entre 1660 e 1665, de modo que muitos deles devem ter sido cuidadosamente guardadas do público e, conseqüentemente, da censura. Essa é, por exemplo, a saga da *Korte verhandeling*, cujo manuscrito foi descoberto no séc. XIX, e do *Camponês filosofante*, obra que foi escrita por um dos colegas do círculo de Spinoza e está desaparecida até hoje. Conforme sabemos, a *Korte verhandeling* não figura nem nas *Opera posthuma*, nem nos *Nagelate Schriften* (de 1677). Hoje, porém, dispomos de um único e grande volume de documentos manuscritos que compreende a *Korte verhandeling*, uma versão holandesa do Tratado teológico-político e as notas à segunda edição do Tratado teológico-político. E, com relação às notas, a única versão completa delas é esse manuscro holandês anexado à versão holandesa do tratado. Portanto, parece-nos bastante plausível a hipótese de que Spinoza tenha redigido textos filosóficos em holandês, dentre os quais, a Carta sobre o infinito.

* * *

Feito esse exame acerca da história da recepção e do registro público da carta, o trabalho subsequente a ser feito é o de cotejar as diversas versões citadas aqui. Mas embora a carta não seja muito extensa, ela trata de conceitos fundamentais da filosofia de Spinoza, relacionados com a questão central, que é a do infinito. Evidentemente esse artigo não comporta uma análise completa da carta. Todavia, gostaríamos de cotejar pelo menos um trecho dela para oferecer um demonstrativo de variantes e mostrar que, efetivamente, o cotejo das variantes poderá subsidiar também, substancialmente, a nossa hipótese. A análise completa da carta restará para uma tarefa futura.

A guisa de experimento, apresentaremos um parágrafo do começo da carta. Marcaremos as diferenças entre as duas versões latinas e o modo como essas diferenças se relacionam com a versão holandesa.

Eis na sequência as três versões, como marcas que, em seguida, esclareceremos:

Quaestio de Infinito omnibus difficilima, imò inexplicabilis visa fuit, propterea quòd non distinxerunt, inter id quod sua natura, sive ex vi definitionis suae, sequitur esse infinitum, et id quod nullos fines habet, non quidem vi suae essentia, sed ex vi causae. Et etiam, quia non distinxerunt inter id quod infinitum dicitur, quia nullos habet fines, et id quod quamvis ejus maximum et minimum habeamus, sive deterinatum sit, ejus tamen partes nullo numero explicare vel adaequare possumus. Denique non distinxerunt inter id quod tantum intelligere, non verò imaginari, et inter id, quod etiam imaginari possumus. Ad haec si attendissent, nunquam tam ingenti difficultatibus turba obruti fuissent, nam tum clarè intelligerent, quale infinitum in nullas partes dividi, seu nullas partes habere potest; quale verò contra, idque sine contradictione. Porro intelligerent, quale infinitum majus alio infinito sine ulla implicancia, quale verò non item concipi potest, quod ex mox dicendis clarè apparebit.

Verum ante omnia haec quatuor paucis exponam, videlicet Substantiam, modum, AETernitatem, & durationem (SPINOZA, 1925, p.)

Essa é a versão legada por Leibniz. O assunto da carta começa efetivamente

dessa forma. Na versão que Spinoza envia a Meyer há o preâmbulo, que diz respeito à relação pessoal e aos fatos relacionados com os dois amigos. Leibniz teve o cuidado de remover essa parte pessoal na sua publicação da carta.

Findo esse parágrafo introdutório na carta que Spinoza enviou ao seu amigo, a Quaestio de Infinito começa a ser discutida imediatamente no parágrafo seguinte, nesta redação:

Quaestio de Infinito omnibus semper difficilima, imò inextricabilis visa fuit, propterea quòd non distinxerunt inter id, quod suâ naturâ, sive vi suae definitionis sequitur esse infinitum; & id, quod nullos fines habet, non quidem vi suae essentia; sed vi suae causae. Ac etiam, quia non distinxerunt inter id, quod infinitum dicitur, quia nullos habet fines; & id, cujus partes, quamvis ejus maximum & minimum habeamus; nullo tamen numero adaequare, & explicare possumus. Denique quia non distinxerunt inter id, quod solummodò intelligere, non verò imaginari; & inter id, quod etiam imaginari possumus. Ad haec, inquam, si attendissent, nunquam tam ingenti difficultatum turbâ obruti fuissent. Clarè enim tum intellexissent, quale Infinitum in nullas partes dividi, seu nullas partes habere potest; quale verò contrà, idque sine contradictione. Porrò etiam intellexissent, quale Infinitum majus alio Infinito sine ullâ implicantiâ; quale verò non item concipi potest; quod ex mox dicendis clarè apparebit. Verùm priùs haec quatuor paucis exponam, videlicet Substantiam, Modum, Aeternitatem, & Durationem. (SPINOZA, 1925, p.)

Finalmente, eis em seguida a versão holandesa, publicada nas *Nagelate Schriften* de 1677:

Het Geschild van 't Onëindig heeft altijd aan alle zeer moejelijk, ja onöplosselijk geschenen, om dat zy geen onderscheit tusschen het geen gemaakt hebben, 't welk uit zijn natuur, of uit de kracht van zijn bepaling volgt onëindig te wezen, en dat, 't welk geen einden heeft, wel niet uit kracht van zijn wezentheit, maar uit kracht van zijn oorzaak: en ook om dat zy geen onderscheit tusschen dit gemaakt hebben, 't welk onëindig gezegt word, om dat het geen einden heeft, en dit, van 't welk, schoon het bepaalt is, of schoon wy het grootste en kleinste daar af hebben, wy echter de delen met geen getal kunnen bepalen, of uitdrukken; en eindelijk om dat zy geen onderscheit tusschen 't geen gemaakt hebben, dat wy alleenlijk kunnen verstaan, maar niet inbeelden, en 't geen, 't welk wy ook kunnen inbeelden. Indien zy, zeg ik, hier op gemerkt hadden, zy zouden nooit, gelijk uit het geen zal blijken, 't welk ik terstont zal zeggen, van zulk een grote menigte van zwarigheden overvallen zijn. Want zy zouden dan klarelijk begrijpen, hoedanig onëindig in geen delen gedeelt kan worden, of geen delen hebben, en hoedanig onëindig, zonder tegen zegging, in delen gedeelt kan wezen. Wijders, zy zouden verstaan hebben hoedanig onëindig, zonder enige ingewikkeltheit, groter dan een ander onëindig, en ook hoedanig niet zodanig bevat kan worden. En op dat dit te lichtelijker zou geschieden, zo zal ik eerst deze vier, te weten Zelfstandigheid, Eeuwigheit, Wijze en Daring met weinig woorden verklaren. (SPINOZA, 1677, p. 520)

Destacamos as variantes e as classificamos basicamente em três gêneros. a) Palavras somente em negrito constam numa versão e faltam noutra. b) Palavras em itálico e negrito são substituições. c) Trechos sublinhados indicam diversidade de pontuação.

Notamos que a maioria das variações latinas dizem respeito a opções de estilo e pontuação do texto. Conceitualmente, as duas versões não oferecem discrepâncias significativas. Levando-se em consideração, pois, que o latim é reconhecido como a linguagem técnica padronizada para fins de publicação, justificam-se tanto o aspecto da similitude das duas versões, quanto o aspecto das diferenças específicas. No que diz

respeito à similitude, há como supor que, no respectivo contexto de proliferação e divulgação de ideias, a tradução de línguas vernáculas para o latim esteja altamente padronizada e estereotipada. Quanto às diferenças, elas obviamente refletem pequenas opções de estilo. O uso do Ampersand (&) e do ponto-e-vírgula mostra uma relação mais conservadora de Meyer com o latim, ao passo que o ‘et’ de Leibniz e a sua pontuação mais leve denotam uma tendência mais analítica do latim e do seu vínculo com as línguas modernas.

Notamos também que, em alguns momentos, Meyer é mais fiel à letra holandesa, como por exemplo quando traduz o zeg ik = inquam. Isso se explica pelo fato de que Leibniz não tinha o propósito de publicar a carta em todos os seus detalhes, e sim, inseri-la no debate que trava com Spinoza. Leibniz não é o destinatário da carta, e por isso também não traduz o primeiro parágrafo, que diz respeito a fatos relacionados com a amizade entre Spinoza e Meyer.

No que diz respeito ao rigor conceitual, porém, Leibniz não comete negligência alguma. Pelo contrário, em uma passagem determinada, que não é de pouca importância, Leibniz guarda uma fidelidade com a versão holandesa que está ausente na versão latina de Meyer. Trata-se da seguinte passagem: “Et etiam, quia non distinxerunt inter id quod infinitum dicitur, quia nullos habet fines, et id quod quamvis ejus maximum et minimum habeamus, sive determinatum sit, ejus tamen partes nullo numero explicare vel adaequare possumus”. Corresponde a esse fragmento holandês: “en ook om dat zy geen onderscheit tusschen dit gemaakt hebben, 't welk onëindig gezegt word, om dat het geen einden heeft, en dit, van 't welk, schoon het bepaalt is, of schoon wy het grootste en kleinste daar af hebben, wy echter de delen met geen getal kunnen bepalen, of uitdrukken”. Note que a expressão sive determinatum sit equivale inegavelmente à expressão holandesa (of) schoon het bepaalt is. Isso demonstra claramente que Leibniz não está fazendo uma cópia da versão latina enviada a Meyer. Há que se admitir forçosamente a existência de um original anterior a ambas as versões latinas e, caso fosse uma primeira versão latina perdida, a tradução holandesa seria mais fiel do que a versão legada por intermédio do destinatário Meyer. Todavia, é muito mais plausível supor que a versão holandesa é a original, enviada por Spinoza a Meyer, e ambos os escritores, Meyer e Leibniz, utilizam-se dessa versão holandesa para prepararem as suas respectivas versões latinas.

REFERÊNCIAS

Referências

- FREUDENTHAL, J. Die Lebensgeschichte Spinozas. In *Quellenschriften, Urkunden und Nichtamtlichen Nachrichten*. Leipzig: Verlag von Veit. & Comp., 1899.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Philosophischen Schriften*. Band. 3: 1672-1676.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*. Herausgegeben von Carl. Gebhardt. Erster Band. Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1875.
- SPINOZA. Opera. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. *Heidelberg*: Carl Winter, 1925; 2. Auflage, 1972, 4bd.
- SPINOZA, Benedictus de. *Opera philosophica omnia. Edidit et praefationem adjecit A. Gfrerer*. Stuttgart: Stuttgartardae Typis J. B. Mezleri, 1830.
- SPINOZA, Baruch de. *Nagelate schriften*. Leiden: Universiteitsbibliotheek, 1677.
- SPINOZA, Baruch de. *Sämtliche Werke. Aus dem lateinsichen mit dem Leben Spinoza's von Berthold Auerbach* (5 Bd.). Stuttgart: J. Scheible's Buchhandlung, 1841.
- SPINOZA. *Traité politique. Lettres*. Traduction et notes par Charles Appuhn. Paris: GF Flammarion: 1966.